



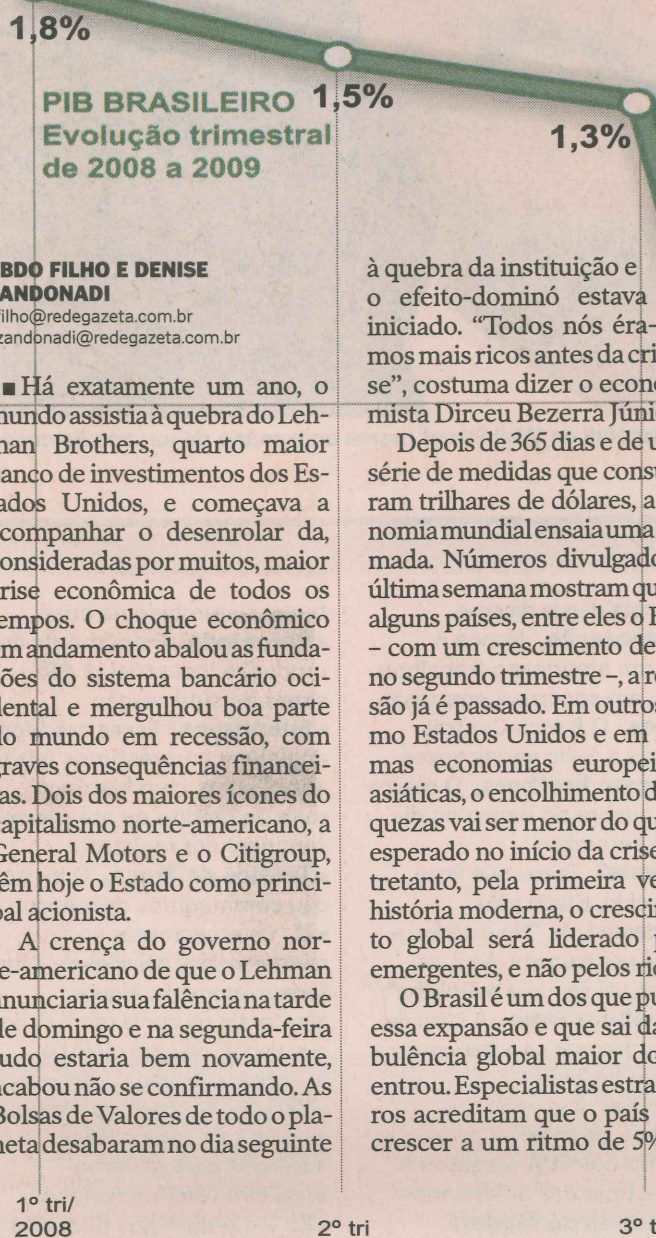
“No exterior, a crise financeira é um ‘tsunami’. Aqui, se chegar, vai ser uma marolinha”
LULA PRESIDENTE DO BRASIL, LOGO QUE ESTOUROU A CRISE

Economia

15 de setembro: um ano de turbulência

A CRISE JÁ VAI TARDE

Economia mundial começa a superar a quebra do Banco Lehman Brothers, ícone do capitalismo



próximos anos. O crescimento de importância do Brasil e de outras economias emergentes é uma das características do novo mundo surgido com a crise econômica.

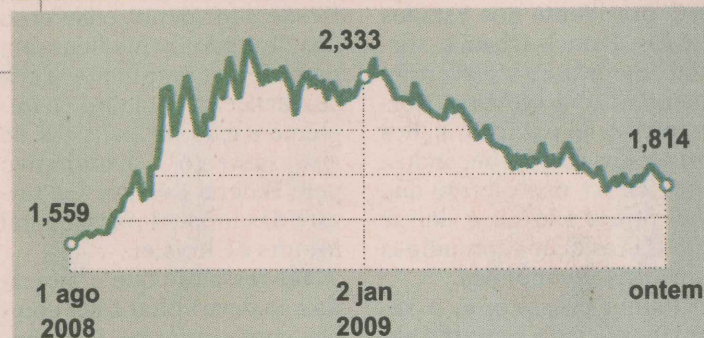
No Espírito Santo, Estado mais mais “globalizado” do país, com um grau de abertura externa de 59,3%, contra 21,4% do resto do Brasil, predomina o sentimento de que é necessário diluir o peso das commodities (minério, aço, celulose e mais recentemente, petróleo e gás), na economia capixaba.

Para o vice-presidente da Federa-

ção das Indústrias do Espírito Santo (F indes), Ernesto Mosaner, essa é um das lições que os capixabas devem tirar da crise. “Que a partir de agora nós

voltaremos a crescer, eu não tenho dúvidas. O petróleo e o gás vão alavancar a nossa retomada. Mas nós devemos cada vez mais buscar alternativas para diversificar a nossa produção. Não podemos nos limitar a minério, aço, celulose, petróleo e gás. São commodities e nos deixam muito expostos à variação do humor internacional. Também temos de lutar para agregar mais valor à produção industrial”, disse.

Dólar comercial, em R\$



A Gazeta - Ed. de Arte - Gilson

Ibovespa, em pontos



A Gazeta - Ed. de Arte - Gilson

1 > O CENÁRIO PARA O ESTADO

Análise

SÁVIO BERTOCHI CAÇADOR

Economista do IEL-ES

■ ■ O impacto da crise na economia capixaba foi grande, caracterizando-se mais como um “tsunami”. O Espírito Santo cresce acima da média nacional há vários anos, muito por conta do desempenho das commodities. Os setores produtores de commodities representam 70,7% da produção industrial capixaba, um percentual extremamente alto. Além disso esses segmentos representam quase 62% das exportações estaduais. Em outras palavras, a pauta

de exportações capixaba é repleta de commodities. A redução no nível de atividade econômica global teve repercussões em duas variáveis importantes da economia capixaba: o comércio mundial e o preço das commodities. Para sairmos da crise vamos nos apoiar no ciclo do petróleo e gás, na construção civil, no PAC e nos investimentos do governo estadual. Para o longo prazo, contudo, uma maior diversificação produtiva se torna um elemento central para trajetória capixaba. São amplamente conhecidos na literatura econômica os limites que um crescimento baseado em especialização de commodities possui.

2 > O CENÁRIO PARA O BRASIL

Análise

LUIZ ANTONIO SAADE

Professor de Economia da Ufes

■ ■ O Brasil sofreu por conta dos problemas que vieram de fora para dentro. Os sistemas financeiro e imobiliário no Brasil, ao contrário do que supunham os estrangeiros, são bem regidos. O nosso maior percalço, quando a crise ainda se limitava ao sistema financeiro, foi a falta de crédito no mercado internacional, que atingiu em cheio as nossas empresas. Quando a turbulência chegou na economia real, as vendas externas sofreram bastante. Além de os pre-

ços das commodities terem caído muito, os nossos clientes lá fora pararam de comprar. A produção industrial caiu fortemente e no 4º trimestre de 2008, no 1º trimestre de 2009, e entramos em recessão. O 2º trimestre do ano, com um crescimento de 1,9%, é resultado das desonerações fiscais concedidas a diversos setores e do “Minha Casa, Minha Vida”, que animaram o consumo interno, da volta do crédito internacional e das exportações que voltaram a crescer. As sequelas da crise no Brasil serão: o encolhimento do PIB nacional em 2009 e o nível de emprego, já que ele será mantido, enquanto o ideal seria que crescesse.

3 > O CENÁRIO PARA O MUNDO

Análise

JORGE PESSOA DE MENDONÇA

Professor de Economia da Ufes

■ ■ Embora muitos analistas considerem que a crise esteja acabando, ou mesmo já ultrapassada, uma análise mais aprofundada demonstra a incapacidade de manutenção de um modelo de crescimento baseado no setor financeiro. Após sucessivos pacotes de ajuda financeira, não se pode falar de uma retomada da produção, do comércio mundial e do nível de emprego. O PIB dos EUA continua diminuindo, o desemprego atinge níveis alarmantes nos países

ricos e o número de pobres deve subir de 37,6 milhões para 40,3 milhões só na América Latina. Nesse contexto, uma nova regulamentação das atividades financeiras é uma das soluções para enfrentar a estagnação. No entanto, algumas questões se colocam. Qual seria o país ou grupo de países que poderiam impor um novo padrão monetário e de regras financeiras? Existe de fato esse interesse? Qual seria a base produtiva que criaria o excedente econômico necessário à retomada do crescimento? Ou seja, o mundo não poderá manter o mesmo padrão de produção e consumo que constituía a base do crescimento mundial.